Cangaíba: uma história

271 P
CANGAÍBA

Cangaíba, Cangahyba

A cidade de São Paulo teve desenvolvimento e expansão acelerados a partir do início do século 20. Determinadas regiões, em especial na zona leste, foram marcadas por um crescimento surpreendente nas últimas décadas daquele século. Neste processo, algumas áreas foram integradas à malha urbana apenas recentemente, permanecendo por longo tempo como zonas rurais ou como núcleos de ocupação mais isolados da cidade.

A formação do centenário distrito de Cangaíba é parte da história do desenvolvimento da cidade e da região. Mas onde fica o bairro erguido ao redor da antiga Estrada do Cangaíba, atual Avenida Cangaíba? Com início na fronteira nordeste da Penha, a avenida que dá nome ao bairro desce como ladeira íngreme para o vale do Córrego Tiquatira, atravessa o marcante viaduto, e salta sobre o casario. Avança tortuosamente sobre o espigão estreito, dominando o terreno elevado da região e segue rumo ao leste, em direção ao distrito de Ermelino Matarazzo. Como limite, ao norte, o distrito encontra a Avenida Dr. Assis Ribeiro e o Rio Tietê. No extremo sul, os córregos Tiquatira e da Ponte Baixa (este já próximo à Avenida São Miguel) delineiam por fim o atual distrito.

A denominação do bairro tem origem duvidosa. Certas fontes remetem, sem precisão, a um ribeirão de mesmo nome ou a um sítio. O significado do termo de origem indígena não esclarece muito. Uma interpretação indica a expressão "dor de cabeça", "cabeça ruim" ou "louco"; outra aponta uma corruptela de "acangaíba", referindo-se assim a uma árvore de frutos arredondados.

É mais revelador outro termo indígena presente no bairro, que nomeia o córrego cujas dimensões e enchentes marcam a região: o Tiquatira. O termo para designar "cobra grande" indica parte do impacto desse córrego e do rio no qual deságua, o Tietê, sobre a região.

A imagem paulistana da cidade entre rios, sujeita a ciclos de enchentes e intervenções urbanas sobre seus vales, é evidenciada no bairro. A história do Cangaíba está associada às relações seculares com os núcleos da Penha, de São Miguel e com a cidade de Guarulhos - antiga Conceição de Guarulhos, cuja estrada de acesso começava também na Penha, em ponto próximo à Estrada do Cangaíba.

Ao lado, ônibus no início da Avenida Cangaíba, junto ao limite do distrito da Penha.

Abaixo, placas de trânsito revelam os percursos tradicionais a partir da Rua Coronel Rodovalho, na Penha.

GUARULHOS
Jardim Presidente
Villa
Ruy Barbosa
Villa
Araguaya
Villa Mesquita
Villa Londrina
Jardim João
Villa Sant Anna
Villa
Marietta
Villa
Centenario
Villa
Beatriz

O Córrego Tiquatira constituiu por séculos o limite natural entre a zona rural e o núcleo urbano da Penha.

A foto ao lado registra o córrego junto à Avenida Cangaíba, em 1986, a partir do viaduto e em direção à Ponte Rasa, numa imagem do acervo do Museu da Cidade de São Paulo. Abaixo, o viaduto hoje.

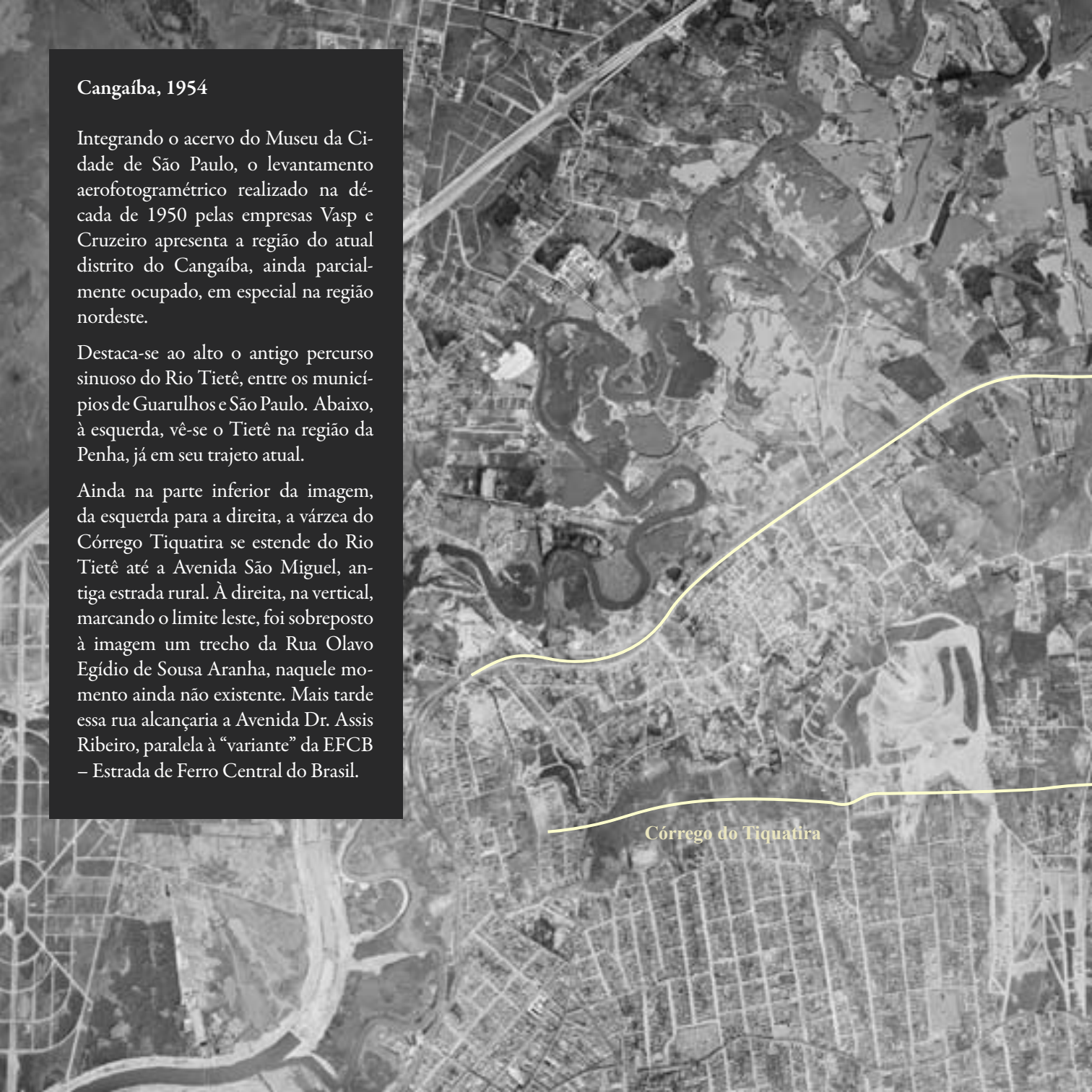
O bairro apresentou uma ocupação inicial na face sul do espigão. A partir da década de 1920 sucederam-se vilas como Londrina, Rui Barbosa e Araguaia. Pouco depois, na mesma região, o Jardim Jaú. Ao norte da estrada, surgiram o Jardim Piratininga, a Vila Mesquita e outros loteamentos. Na década de 1930, com a abertura do ramal ferroviário ao norte, seguindo o patamar livre das enchentes do Tietê, teve início o núcleo de Engenheiro Goulart.

Ainda assim, o bairro permaneceria como zona rural até o início da segunda metade do século 20. As primeiras ações que levaram, mais tarde, à modificação desse quadro datam da década de 1920, quando foram iniciados os estudos para retificação do Rio Tietê. As obras tiveram, como limite leste, a barragem da Penha, de maneira que o bairro do Cangaíba permaneceu à margem das intervenções.

A paisagem de várzea é indicativa dos papéis que a região desempenhava na cidade no início do século 20. Além de constituir território para expansão futura, diversas olarias ocuparam, durante certo período, a extensão entre a Penha e São Miguel.

O movimento de embarcações pelo Rio Tietê permitia o transporte de madeira para as olarias e o de tijolos nelas fabricados para a cidade que crescia. Em 1922, o presidente do Estado (equivalente a governador) Washington Luís, em relatório ao Congresso do Estado, justificando a dragagem daquele trecho do rio como necessária para melhorar a navegação, concluía: "em breve, o tijolo das margens do Tietê suprirá quase todas as construções da cidade."

Na página ao lado, detalhe de levantamento cartográfico de 1930, integrante do acervo do Arquivo Histórico de São Paulo, registra as várzeas do Rio Tietê e do Tiquatira, indicando a ocupação ainda incipiente.



Cangaíba, 1954

Integrando o acervo do Museu da Cidade de São Paulo, o levantamento aerofotogramétrico realizado na década de 1950 pelas empresas Vasp e Cruzeiro apresenta a região do atual distrito do Cangaíba, ainda parcialmente ocupado, em especial na região nordeste.

Destaca-se ao alto o antigo percurso sinuoso do Rio Tietê, entre os municípios de Guarulhos e São Paulo. Abaixo, à esquerda, vê-se o Tietê na região da Penha, já em seu trajeto atual.

Ainda na parte inferior da imagem, da esquerda para a direita, a várzea do Córrego Tiquatira se estende do Rio Tietê até a Avenida São Miguel, antiga estrada rural. À direita, na vertical, marcando o limite leste, foi sobreposto à imagem um trecho da Rua Olavo Egídio de Sousa Aranha, naquele momento ainda não existente. Mais tarde essa rua alcançaria a Avenida Dr. Assis Ribeiro, paralela à "variante" da EFCB – Estrada de Ferro Central do Brasil.

Dr. Av. Assis Ribeiro,
ainda não duplicada
Trecho da atual Rua
Olavo Egídio de Sousa Aranha
Trecho da então
Estrada de São Miguel

Capela de Bom Jesus, no final da década de 1950. Esta imagem rara, cedida pela Paróquia do Bom Jesus de Cangaíba, revela a importância das fotos e álbuns mantidos pela população e pelas instituições locais.

A ocupação do território

Seguindo um padrão regular em nossas cidades, o desenvolvimento do bairro, ainda zona rural, teve como um dos marcos iniciais a abertura de um templo religioso. É ao redor da capela dedicada a Bom Jesus - alçada em 1957 a Paróquia Bom Jesus de Cangaíba - que se organizou um dos polos de ocupação do bairro.

Data, porém, de 8 de novembro de 1887 um termo de doação de terreno no "Cangahiva", em local denominado "Pitas", no caminho para os "campos de Santa Catarina." O documento constitui o mais antigo registro do nome do bairro. A menção aos campos de Santa Catarina provavelmente foi feita em referência a um ribeirão de mesmo nome, próximo à aldeia de São Miguel, mencionado já no século 17 pelo bandeirante Domingos Leme, em registro de ocupação de terras. O largo ocupado pela igreja marcaria, até a década de 1930, o ponto extremo da tortuosa Estrada do Cangaíba.

As dificuldades de ocupação da região na primeira metade do século passado devem ter sido expressivas. À proximidade da Penha seriam sempre contrapostos o terreno íngreme e as várzeas do Tiquatira e do Tietê, com seus brejos. As enchentes regulares seriam alternadas com ocorrências extremas, como a grande enchente de 1929, que marca a história paulistana por sua magnitude. Como consequência deste episódio, a Prefeitura autorizou então a isenção parcial de impostos aos estabelecimentos atingidos.

A atuação do poder municipal, em zona rural, está registrada esparsamente nos documentos entre 1920 e 1940. Em maio de 1923, por exemplo, Tancredo Guimarães, um morador da região, solicitou a extinção de formigueiros, "os quais constituem um verdadeiro flagelo de diversos agricultores daquele local. (...) O suplicante reconhece que a fiscalização desse serviço (...) é trabalhosa, em virtude da distância que separa o bairro do Cangaíba da Penha", que "fica distante da Penha ½ hora". O documento diz: "os terrenos ficam próximos da capela", revelando o status de referência territorial da pequena igreja na época.

As olarias e a agricultura de pequeno porte marcavam a paisagem, embora os primeiros loteamentos tenham surgido já na década anterior. Em agosto de 1925, a empresa P. de Fonseca & Cia apresentou pedido de autorização para arruamento do Parque Londrino, situado ao lado da Vila Londrina, ao sul da estrada, ocupando terreno que se estendia até as proximidades do Tiquatira. A documentação traz registros de ocupação desde o final do século 19 e cita a proximidade do "sítio Cangaíba".

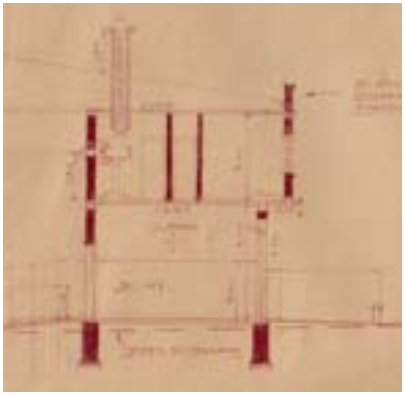
Ao lado, a Igreja Bom Jesus de Cangaíba, edificada no início da década de 1970 na Praça Barra d'Ouro, cujo projeto integra a documentação do Arquivo Histórico de São Paulo.

As atividades desenvolvidas no bairro vão além das mencionadas. Data de janeiro de 1920 a anotação, em protocolo municipal, de pedido de licença para uma fábrica de amidos e fecularia na estrada local. Anos depois, em fevereiro de 1928, um morador chamado Raphael Della Volpi solicitou autorização para a construção, no Jardim Jaú, de casa com comércio, visando empreender confeitaria e bar. O pedido enfrentou um processo tortuoso e revelador da condição do bairro na época: "estando [o terreno] fora da cidade e do perímetro suburbano, julgava que não carecesse de licença e muito menos que fosse obrigatório o recuo de 4 m da rua", porque aquela via "não se pode denominar estrada, mas sim um simples caminho devido ao trânsito nulo que tem em virtude das fortes ladeiras que nele existem."

Melhorias no bairro foram sendo realizadas ao longo do século 20. Em 1927, um abaixo assinado de moradores da Vila Mesquita, próxima à Vila Londrina, pedia cancelamento da taxa sanitária, já que não havia coleta de lixo no local: "Entretanto, pedimos se possível for, digne-se V. Excia providenciar para que seja feita a coleta de lixo na referida rua que isto muito benefício trará aos proprietários, e melhorando assim o estado sanitário desta zona." A coleta no local, "onde existem umas 10 casas", seria iniciada uma semana depois.

A zona rural da qual fazia parte o Cangaíba acabou sendo ocupada lentamente de oeste para leste. A abertura do ramal ferroviário variante de Poá, no início da década de 1930, e as primeiras indústrias, em especial as de grande porte que ocuparam Ermelino Matarazzo, estabeleceram novas perspectivas de desenvolvimento para a região. Em 1935, a Companhia Nitro Química, em São Miguel, e, uma década após, a Cisper (atual Owens-Illinois do Brasil), produtora de garrafas, estabeleceram marcos industriais em plena paisagem rural, ladeados por matas, pela várzea do Tietê e pela linha de trem.

A configuração geral da ocupação parece não ter mudado até a década de 1970. A ocupação residencial permaneceu predominante e avançou rumo a Engenheiro Goulart, mantendo, porém, grandes terrenos vazios no quadrante nordeste. A outrora Estrada do Cangaíba estabeleceu-se como importante via regional, reunindo comércio e serviços. Tortuosa, foi alargada apenas em 1969, quando recebeu a denominação de avenida, sendo alterada sua numeração. Logo após, foi prolongada em direção ao Jardim Danfer, loteamento cujo nome remete ao então dono das terras Daniel Ferreira. Anunciou-se naquele momento a canalização do Tiquatira, que seria efetivada, porém, apenas no início da década de 1980, com a criação da avenida ligando as marginais do Tietê à Estrada de São Miguel, hoje Avenida São Miguel. A proposta permitiu avançar rumo ao fim do longo período de isolamento, com a integração do bairro ao tecido urbano da metrópole.



Detalhe do projeto do Cine Santo Antonio de Pádua, de 1953. O cinema permaneceria em atividade como Cangaíba Palace até o início da década de 1970. Na imagem, pertencente ao acervo do Arquivo Histórico de São Paulo, corte do edifício mostra a cabine de projeção.

Na página ao lado, o início da Rua Frei Frederico Vier, na confluência com a Rua Maestro Vasconcelos Chaves.

Avenida Dr. Assis Ribeiro, paralela à linha da CPTM, junto à Rua Bartolomeu Quadros. Ao fundo, edifícios da Avenida Cangaíba, na altura do número 1000.

Avenida Doutor Assis Ribeiro vista a partir
da passarela próxima à Rua Malacacheta,
no início do distrito de Cangaíba.

Referência na paisagem, o reservatório da Sabesp indica o ponto mais alto da região, na Avenida Cangaíba. Ao seu redor, descendo em direção à Avenida Dr. Assis Ribeiro, vê-se a favela da Caixa d'Água.

Avenida Governador Carvalho Pinto, vista a partir do Viaduto do Cangaíba. Em primeiro plano, residências. Ao fundo, parte do Jardim Jaú e, mais ao longe, a Vila Rui Barbosa, trechos de ocupação mais antiga do distrito.

Marcas na paisagem

A década de 1980 marcou o fim do isolamento, com a implementação de projetos urbanos de impacto regional e mesmo metropolitano. Em 1981 foi inaugurado o Viaduto Cangaíba, já estando canalizado o trecho do Córrego Tiquatira até o Rio Tietê.

Sete anos depois foi entregue a nova via de ligação até a Avenida São Miguel, permitindo acesso direto às marginais e a Guarulhos. Intervenção proposta em 1952, a Avenida Governador Carvalho Pinto integra um conjunto de importantes ações na zona leste.

Em 1982, a inauguração da Rodovia dos Trabalhadores, depois denominada Ayrton Senna da Silva, e a criação do Parque Ecológico do Tietê indicaram uma nova inserção do distrito em escala regional. Anos depois, em 1988, o parque implantado ao longo do Tiquatira, com mais de 200 mil metros quadrados, completou a remoção de um obstáculo natural de longa duração.

Em 1988 a inauguração da Estação Itaquera consolidou a expansão leste da linha metroviária, aguardada desde a entrega da Estação Tatuapé, em 1981. A implementação de serviço integrado de ônibus e metrô possibilitou contornar a dificuldade de locomoção do agora distrito de Cangaíba.

A criação do Campus Leste da Universidade de São Paulo em 2005, com a atual Escola de Artes, Ciências e Humanidades, introduziu elemento de potencial influência regional. Alterações nos serviços prestados pela CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), com a reforma de estações em Ermelino Matarazzo e a abertura da Estação USP Leste, complementam modificações de grande alcance.

A paisagem atual é resultado de ações ocorridas ao longo dos últimos 30 anos. O casario contrasta, desde a década de 1990, com o surgimento de edifícios residenciais, primeiro isolados e mais tarde em grandes blocos. A tendência mais recente alterna conjuntos de residências (isoladas ou em condomínios) na parte sul da Avenida Cangaíba com a presença, a partir de 1978, de grandes conjuntos habitacionais na região da Vila Sílvia.

A implementação dessas ações delineou uma fase nova de incorporação e integração de um grande número de vilas e jardins. Uma população diversificada em suas origens e histórias habita o distrito do Cangaíba, que já supera desde 2008 o patamar dos 150 mil habitantes.

Na página ao lado, residência na Avenida Cangaíba, próxima à Vila Mesquita. Ao fundo da imagem, a várzea do Rio Tietê e grandes edificações do município de Guarulhos.

E Nois

Praça Jacques Blondel,
no Jardim Penha.

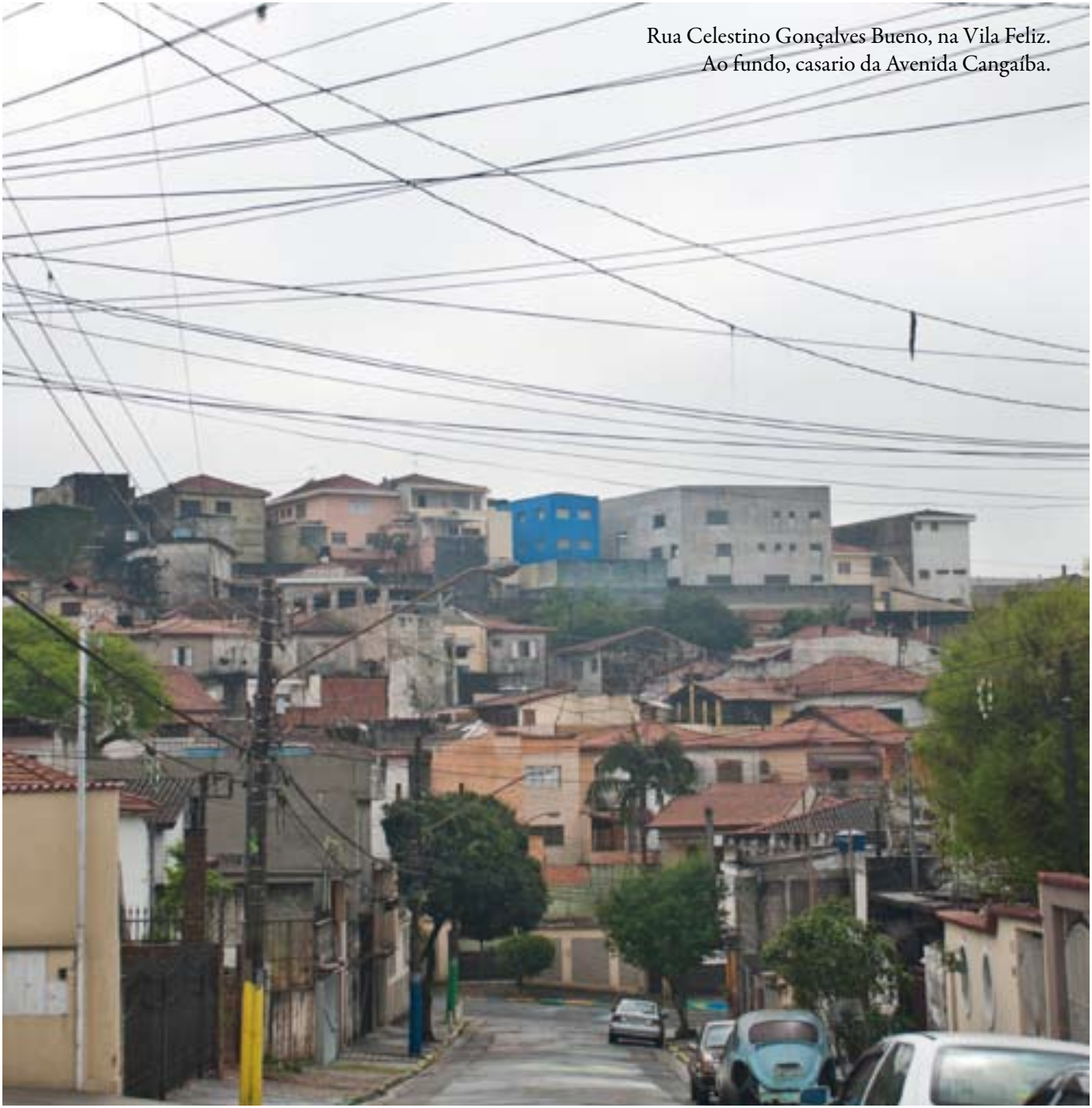
A topografia acidentada e o modo de parcelamento do solo geram, em muitos casos, soluções de ocupação inusitadas. O uso da cor, nos últimos anos presente de forma contundente na paisagem, reforça muitas vezes esses traços.

Ao lado, imagens de imóveis na Avenida Cangaíba, esquina com Rua Coronel Nilton Braga, e na Praça Barão de Saiça.

Casas na Rua Puruá, entre o Jardim Jaú e a Vila Mesquita.

Ao lado, imóvel na Rua Dionísio, esquina com Rua Tupaciguara, e edifício multiresidencial na Praça Barão de Saiça, na Vila Londrina.

Rua Professor Carlos da Silveira, uma das travessas de acesso à Rua Miguel Garcia.



Rua Celestino Gonçalves Bueno, na Vila Feliz.
Ao fundo, casario da Avenida Cangaíba.

E.E. Prof. Valace Marques
SECRETARIA
SEJAM
BEM
VINDOS

Ao lado, no sentido horário:
Rua Professor Carlos da Silveira, travessa de acesso à
Rua Miguel Garcia; Escola Estadual Professor Valace Marques,
na Rua Gentil Braga; conjunto residencial vertical à Rua São Florêncio.

Trecho inicial da
Rua Maestro Vasconcelos Chaves,
com destaque para edifícios residenciais
próximos à Vila Rui Barbosa.

Feira livre da Rua Miguel Garcia, na área central do distrito.

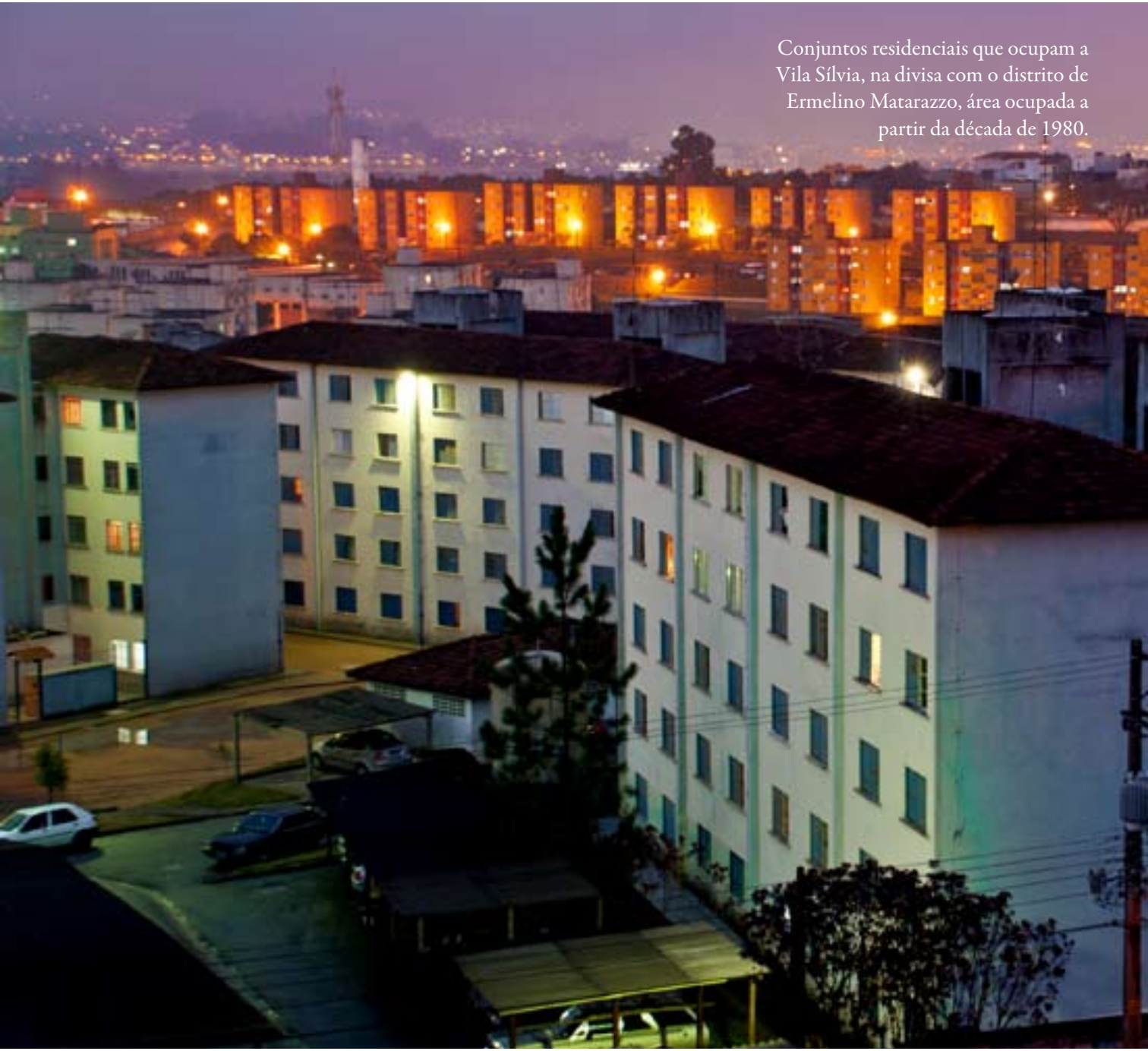
O Cangaíba é aqui

Um traço paulistano comum a tantas outras cidades, mas aqui evidenciado pelas últimas gerações, é o contraste e coexistência de marcas centenárias e passado recente. Um olhar atento sobre o Cangaíba revela traços históricos do bairro e suas relações com outros pontos como Penha, São Miguel ou Guarulhos, relações renovadas conforme ações realizadas nos últimos 30 anos.

A construção da cidade de São Paulo durante o século 20 foi marcada pela expansão territorial e constituição de centros regionais. O processo de preenchimento dos interstícios, ocupação física e humana, mas também construção de cultura e identidade, está ainda em aberto.

A ocupação local é fruto tanto da ação do poder público, na competência do gerenciamento urbano, como da atuação de seus habitantes e suas organizações. Há muito a se conquistar. Traços comuns a bairros de desenvolvimento similar permanecerão, mas alguns locais encontrarão um modo próprio de diálogo com o passado e o futuro, com suas origens e culturas.

Mural na Rua São Florêncio, esquina com Avenida Cangaíba, próximo à Paróquia de Bom Jesus.



Conjuntos residenciais que ocupam a Vila Sílvia, na divisa com o distrito de Ermelino Matarazzo, área ocupada a partir da década de 1980.

Murais ocupam trecho da Avenida Buenos Aires, esquina com Rua Gracinda, na parte sul do distrito.

Avenida São Miguel,
com Rua Vigília.

Equipe técnica
Projeto, pesquisa e texto – Ricardo Mendes; ensaio fotográfico – André Douek; fotografia adicional (1986) – Israel dos Santos Marques (MCSP); pesquisa – Arzelinda Maria Lopes; projeto gráfico – Ricardo Mendes; diagramação – Natan de Aquino;
tratamento de imagens – Sylvia Masini; preparação de texto – Ananda Stücker; coordenação – Ananda Stücker e Ricardo Mendes

Agradecimento às equipes
Arquivo Histórico de São Paulo, Arquivo Municipal de Processos,
Museu da Cidade de São Paulo, Paróquia Bom Jesus de Cangaíba.

Prefeitura do Município de São Paulo
Gilberto Kassab

Secretaria Municipal de Cultura
Carlos Augusto Calil

Departamento do Patrimônio Histórico
Walter Pires

www.prefeitura.sp.gov.br
dezembro de 2010

Panorama parcial do Cangaíba. Em primeiro Plano, o Jardim São Francisco, entre a linha da CPTM e a Rodovia Ayrton Senna da Silva, próximo ao Parque Ecológico do Tietê. Ao fundo, torres da linha de transmissão de energia elétrica que corta o distrito.

PREFEITURA DE
SÃO PAULO
CULTURA